



DIRETOR José Chináglia comemora os avanços previstos no plano diretor do HBDF, que deverá estar concluído em novembro

Cirurgia de epilepsia aguarda aval federal

Entre as grandes novidades do Hospital de Base para esse ano, estão a implantação próxima da cirurgia de epilepsia e a já corrente neurocirurgia realizada com o paciente ainda acordado.

Conforme explica Benício Oton de Lima, chefe da Neurocirurgia do HBDF, a cirurgia de epilepsia aguarda apenas aval do Ministério da Saúde para ser realizada. Para se submeter à cirurgia, o paciente precisa preencher alguns pré-requisitos, como não ter obtido o controle da doença com medicamentos, e ter o foco da doença em uma parte do cérebro que possa ser retirada sem danos.

Por uma semana, o paciente é monitorizado por eletro-

dos instalados na cabeça, até que se descubra o foco exato da doença. Depois disso, se a parte do cérebro em que ela se localiza puder ser retirada sem consequências para o paciente, ele pode fazer a operação. A porcentagem de cura depende do tipo de epilepsia – se ela for do lobo temporal, que tem mais possibilidade de cura, a chance é de 80%. No momento, já existem cerca de 200 pessoas na fila para passar pelo processo de monitorização.

– Mas esse número vai crescer muito, assim que a gente conseguir o credenciamento do Ministério da Saúde – acredita o neurocirurgião.

Também na área, a neuro-

cirurgia feita com o paciente acordado vem ocorrendo no hospital desde o início do ano. Toda quinta-feira à tarde, uma equipe de médicos se reúne para fazer a cirurgia que tem, como idéia central, contribuir ao máximo para a qualidade de vida do operado.

Essa cirurgia é utilizada, em geral, em pacientes com tumores cerebrais. De acordo com Benício, o problema é que, quando a operação é realizada com o paciente completamente anestesiado, há grandes possibilidades de, ao se retirar o tumor, retirar também alguma parte do cérebro essencial para uma das funções do corpo, como a fala, ou a capacidade de andar.

Com o paciente acordado, uma série de estímulos é dado ao cérebro, e o paciente responde a testes. Dessa maneira, se uma determinada área do cérebro está articulada, e o paciente não consegue mais falar, o médico sabe que não pode retirar o tumor presente no local.

– Algumas vezes nós optamos por retirar 80% do tumor, por exemplo, mas manter a capacidade da pessoa de andar ou falar, para que não haja traumas – explica o médico.

O HBDF é o único da rede a realizar essa cirurgia. No momento, não há pessoas esperando na fila, mas também não faltam pacientes uma vez por semana.